

PROGRAMA DE EDUCAÇÃO PATRIMONIAL – VALE REGISTRAR

Núcleo de História Oral

FICHA TÉCNICA

Código da entrevista: MA-006 A / B

Entrevistado: Filomeno da Silva

Local da entrevista: Distrito de Bento Rodrigues – Mariana – Minas Gerais

Data da entrevista: 26/03/2006

Horário da entrevista: 14h

Duração da entrevista: Tempo Total: 1h23min17seg – DVD / A: 57min47seg –
DVD / B: 25min30seg

Equipe do Vale Registrar / História Oral:

Supervisão: Jason Barroso Santa Rosa

Subcoordenação: Josanne Guerra Simões (Keka Simões)

Entrevistadores: Josanne Guerra Simões, Eder Donizete de Melo (monitor)

Gravação das entrevistas:

Produtor: Mateus Brandão (EMVIDEO)

Câmera: Walfried Weissman (EMVIDEO)

Eletricista: Mauro Siqueira (EMVIDEO)

Motorista: Carlúcio (EMVIDEO)

Equipamento utilizado: Câmera Digital MiniDV

Transcrição: Eder Donizete de Melo

Data da transcrição: 15/05/2006

Conferência de fidelidade: Josanne Guerra Simões (Keka Simões)

Data da conferência: 18/05/2006

Pesquisa para notas de rodapé: Elodia Honse Lebourg

Copidesque: Maria Angélica Vieira Bonome

[Início da entrevista]

[DVD A]

Keka Simões – Senhor Filomeno, o senhor poderia nos dizer seu nome completo?

Filomeno da Silva – Filomeno da Silva.

Keka Simões – Qual é a data e o local de nascimento do senhor?

Filomeno da Silva – Eu nasci nesta mesma casa, só que era diferente: eram quatro cômodos e era de pau-a-pique. Quando ia me casar, comecei a modificar a casa: aumentei dois cômodos, pus o segundo andar, fiz essa garagem e essa puxada cá para frente. Mas eu nasci aqui, em primeiro de dezembro de 1933.

Keka Simões – Qual é o nome dos seus pais?

Filomeno da Silva – Meu pai chamava-se Filomeno da Silva. Mas quando nasci, ele já deixara de existir – faleceu no dia 18 de setembro de 1933 e eu nasci em primeiro de dezembro. Ele me deixou por nascer e deixou mais dois irmãos: a mais velha era uma moça, e o segundo, um homem. E ficou minha mãe com os pais do meu pai, que já eram velhinhos; ela ficou cuidando deles. Ela trabalhava no garimpo – era ouro – e, em época de roça, ia plantar para poder dar sustento não só à gente (que éramos os filhos) como também aos dois velhinhos sogros dela.

Keka Simões – Qual era o nome da sua mãe?

Filomeno da Silva – Dercília da Conceição Silva.

Keka Simões – Então, ela que sustentou a casa?

Filomeno da Silva – Ela que sustentou.

Keka Simões – Quando vivo, o pai do senhor trabalhava no garimpo também?

Filomeno da Silva – É. Ele trabalhava no garimpo e na agricultura. Ele mexia com roça, não é? Na época de plantação, ia para a roça, mas, na época de seca, ele estava trabalhando no garimpo. Toda comunidade aqui vivia do garimpo, desde a época da descoberta do local.

Keka Simões – O senhor sempre morou por aqui?

Filomeno da Silva – Sempre morei aqui em Bento¹. Só que comecei a trabalhar muito criança, com sete anos, porque não tinha pai para sustentar. Trabalhava para as pessoas do garimpo, levando telegramas para Camargos, para Santa Rita². Quando chegava telegrama, a moça do telégrafo mandava me chamar na praia para que eu levasse os telegramas a esses locais. Eu saía correndo, porque na época era muito criança e tinha medo de ladrão. Agora, uma criança não pode ter medo de ladrão e eu tinha. [riso] Então, eu ia correndo. Quando ela achava que eu estava chegando a Camargos ou Santa Rita, eu já estava chegando aqui com o recibo de volta.

Keka Simões – O senhor ia a pé para Camargos?

Filomeno da Silva – Ia a pé, não existia estrada de carro. O meio de condução era a pé, daqui para qualquer lugar, inclusive para Mariana.

Keka Simões – O senhor falou que, quando a moça do Correio³ precisava, mandava chamá-lo na praia. O que era a praia?

Filomeno da Silva – Praia era onde a gente garimpava o ouro, onde todo mundo aqui do arraial trabalhava garimpando, fazendo vários canais. Então as pessoas ficavam mais concentradas naquele local. A moça do telégrafo já sabia onde eu trabalhava e me chamava para levar esses telegramas.

Keka Simões – Como era vendido o ouro que as pessoas do garimpo conseguiam? Tinha alguém que comprava?

Filomeno da Silva – Tinha, tinha. Aqui havia duas pessoas que compravam esse ouro. O pessoal era muito pobre e, toda tarde, quando chegava do garimpo, ia à casa dessas pessoas para negociar o ouro. De lá, já trazia os gêneros para casa, porque comprava só a conta do que ia gastar e também devido à quantidade de ouro que retirava. Se pudesse comprar mais, o pessoal comprava; se não, aí não comprava.

Keka Simões – Aqui tinha escola? O senhor estudava?

Filomeno da Silva – Tinha escola. Eu não estudava porque a vida era muito sacrificada e eu ficava por conta do trabalho. Depois de nove anos, fui trabalhar em um retiro aqui próximo. Se hoje eu tenho um jeito de agir, eu agradeço

¹ Bento Rodrigues, distrito de Mariana.

² Camargos e Santa Rita Durão são distritos de Mariana.

³ Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos.

muito ao moço para quem eu trabalhava: chamava-se Torquato Lopes Camelo, pai do atual vice-prefeito de Mariana. Lá eu trabalhei de nove aos 14 anos.

Keka Simões – Era um retiro?

Filomeno da Silva – Era um retiro a três quilômetros daqui, uma fazendinha onde eu fazia de tudo. À noite – como se diz na gíria, “enquanto descansa carrega pedra” –, ele punha eu e os filhos dele para descascar milho na beira de uma fogueira e ficava ensinando como deveria agir quando a gente crescesse. Com esses conselhos é que eu fui crescendo e tendo uma postura de proceder com as demais pessoas.

Keka Simões – Depois dos 14 anos, onde o senhor foi trabalhar?

Filomeno da Silva – Ele viu que não poderia me dar um salário satisfatório e, na época, meu padrinho de Crisma era prefeito. Então, arrumou com ele para que eu fosse trabalhar na estrada que estava sendo construída, de Camargos para Bento e depois para Santa Rita. Fui trabalhar na estrada com 14 anos e trabalhei até a estrada chegar a Santa Rita. Em 1950, o prefeito construiu um pequeno Grupo Escolar aqui, porque na época não tinha. Fiquei trabalhando no Grupo até terminar. Depois que terminou, comecei a sair para outros lugares para procurar emprego, mas ainda como menor, não é?

Keka Simões – Quando e como o senhor entrou na Samitri⁴?

Filomeno da Silva – Em dezembro de 1950, eu arrumei serviço na então Eletroquímica Brasileira, em Antônio Pereira⁵. O minério de ferro manganês era lavrado lá em Antônio Pereira para ir para Saramenha⁶. O salário era um pouco baixo. A prospecção em Alegria⁷ tinha começado em 1949, e o salário era maior – diferença de 60 centavos por hora. Meu vizinho aqui, que trabalhava em Alegria, sabendo de minha dificuldade para ajudar minha mãe, me propôs arrumar serviço em Alegria. Eu falei: “Eu sou menor, mas...”. Ele falou: “Não tem importância. Você pode ir que eu arrumo o serviço, porque você tem altura.” Em março de 1951, fui para Alegria, mas não tinha completado idade para ser fichado. Todo mundo trabalhava fora de folha. Em 27 de agosto de

⁴ Minerações Trindade S/A.

⁵ Distrito de Ouro Preto.

⁶ Bairro de Ouro Preto.

⁷ Mina de Alegria, mineração de minério de ferro que pertencia a Samitri e que foi incorporada à Companhia Vale do Rio Doce. Localizada em Mariana.

1951, nós fomos transferidos para João Monlevade⁸. O gerente em Alegria, que era superintendente da Belgo Mineira⁹, mandou escolher os 10 mais fortes para serem fichados lá em Monlevade, onde estava faltando mão-de-obra, na Serra do Andrade¹⁰. E fui o terceiro a ser escolhido. Quando cheguei a Monlevade, descobriram que eu não tinha idade. Me propuseram ficar lá ou voltar para Alegria. Eu falei: “Se não tiver serviço para mim em Alegria, eu prefiro que vocês acertem as minhas contas porque aqui não dá para eu ficar”. No mês de outubro de 1951, ele me transferiu para Alegria, onde fiquei como encarregado. Eu não queria, porque era muito criança, não tinha nem 18 anos ainda, mas já tinha um bom conhecimento do trabalho. Eles quiseram me obrigar. Eu falei: “Não. Coloca outro como encarregado e eu vou auxiliá-lo, mas continuo fazendo o trabalho de servente. O pessoal não vai me obedecer devido à minha idade. Eu sou muito criança”. Falaram: “Não. Você é que tem que ser o encarregado”. Eu falei: “Não. Eu não vou ser encarregado.” E então me deixaram em Alegria. Quando foi final de outubro de 1951, eles me mandaram para a Mina do Conta História.

Keka Simões – Onde fica essa Mina?

Filomeno da Silva – A Mina do Conta História fica em Alegria mesmo, só que na época não tinha estrada para ir lá. Fui um pouco privilegiado, porque eu já tinha um barraco de pedra, coberto com folhas de coqueiro do campo. Fui trabalhar em galerias, eu e mais uma turma, e a gente morava lá. Na época, a gente gastava uma média de três horas a pé, de Alegria ao Conta História, porque não tinha estrada e a gente andava pelos espigões.

Keka Simões – O senhor falou que foi trabalhar em galeria. Antes, quais eram as atribuições do senhor? O senhor falou que era servente, não é?

Filomeno da Silva – Era.

Keka Simões – O que o senhor fazia?

Filomeno da Silva – Na prospecção, eu trabalhava cá embaixo na Mina Alegria, Corpo Alegria – Oeste. As galerias onde a gente fazia exploração eram no Corpo Alegria – Oeste. Na época em que fui para o Conta História, já tinha alguém treinado para trabalhar nas galerias cá embaixo. Aí é que me

⁸ Município de Minas Gerais.

⁹ Belgo Mineira Companhia Siderúrgica.

¹⁰ Localizada entre Itabira e Bela Vista de Minas, municípios de Minas Gerais.

transferiram para o Conta História, para que eu ficasse com o pessoal, instruindo as pessoas que iam chegando. Fazia uma ponte: quando precisava de mão-de-obra na Serra do Andrade, em Monlevade, o Superintendente da Companhia, Francisco Pinto de Oliveira, mandava que [o Peter, depois passou a James Bush]¹¹ que se pegasse um número de funcionários para levar para lá, porque na região de Monlevade não se encontrava mão-de-obra, nem existia ainda Carneirinho (só umas três casas havia em Carneirinho)¹². Ele mandava fazer esse transporte do pessoal – arrumar o pessoal nesta região aqui para levar para lá, como aconteceu com muitos colegas meus, que trabalhavam com a gente em Alegria e foram transferidos para João Monlevade, para trabalhar na lavra de minério de ferro em Carneirinho.

Keka Simões – Na Mina do Conta História, o senhor falou que morava em um barracão com folha de coqueiro. E a comida, como era? Vocês mesmos faziam?

Filomeno da Silva – A gente levava os mantimentos na segunda-feira e dava para a semana toda. No sábado de manhã, a gente saía da Mina do Conta História para ir para Alegria; chegava em Alegria às 11 horas, 11 e meia. O rapaz responsável pelo serviço, José Faustino, mandava que a gente já fosse a um armazém de uma carvoaria, para comprar os mantimentos e deixar lá na fazenda para que, na segunda-feira, quando a gente chegasse de casa, subisse com esses mantimentos para o Conta História.

Keka Simões – Quem pagava esses mantimentos – vocês ou a Companhia?

Filomeno da Silva – Nós mesmos. [riso] Se os mantimentos acabassem antes de terminar a semana, uns iam emprestando para os outros até terminar a semana.

Keka Simões – E à noite, lá no meio do mato, sem muita opção, o que os senhores faziam antes de dormir?

Filomeno da Silva – Ficávamos contando caso e jogando truco. Lá é muito alto e ventava muito. Às vezes, a gente estava dormindo e o primeiro que acordava falava assim: “Olhem para cima que vocês vão ver o céu”. [riso] Estava tudo descoberto. Aí o pessoal já começava a fazer aquela farra e falava: “E agora, se vier chuva?” Eu falava: “Se vier chuva, nós vamos para a

¹¹ Palavras mais aproximadas do que foi possível ouvir.

¹² Sede do município de João Monlevade.

gruta”. Tinha uma gruta para baixo e, antes de eu ir para lá – em 1950, final de 1950, quando começou a prospecção de ferro manganês no Conta História –, o pessoal morava na gruta de pedra. Então eu falava: “Se vier chuva, nós vamos para a gruta”. Mas nunca foi preciso; só uma vez. E, no outro dia, a gente ficava o dia inteiro caçando aquelas folhas de coqueiro para poder tampar o barraco.

Keka Simões – Nessa época ou depois, havia algum tipo de auxílio, benefício ou assistência que a Companhia prestava aos seus funcionários?

Filomeno da Silva – Não. Tudo, tudo a gente é que tinha que fazer. Se adoecesse uma pessoa, tinha que descer e pegar o caminhão que transportava carvão de Alegria para João Monlevade, e ia até Santa Bárbara¹³ para ser atendido. Assistência médica não existia nessa época. Assistência médica foi existir, em Alegria, a partir de 1958. Antes disso, era tudo com sacrifício. Para você ter uma idéia, a Samitri em Alegria foi criada em 12 de fevereiro de 1956. Faltavam uns dias para eu completar cinco anos na Belgo Mineira quando foi criada a Samitri. Já estavam pensando em produzir minério de ferro manganês para levar para João Monlevade e, então, é que foi criada a Samitri, em Alegria. Antes, existia a Samitri só em Córrego do Meio¹⁴. Em 1957, 1958 o minério era produzido por meio de galeria (umas pequenas minas). A gente fazia a mina para exploração de minério de ferro manganês. Aquele minério não era jogado para o abismo; a gente deixava amontoado na praça da galeria. Quando tivesse uma viagem de caminhão... O administrador mandava para Monlevade a comunicação dizendo que já tinha mais ou menos tantas viagens de caminhão. Aí eles mandavam um ou dois caminhões para buscar esse ferro manganês no Conta História. Em 1955, eu e mais três rapazes saíamos de Conta História e vínhamos até Alegria Sul, em um entroncamento do córrego que vinha da Cruz de Pedra¹⁵, procurando camada de minério de ferro manganês. Nós fizemos esse trabalho durante cinco ou seis meses. Ficávamos distantes uns dos outros de três a quatro metros; pegávamos embaixo na grota, subíamos a serra e depois pegávamos outra faixa e vínhamos até o

¹³ Município de Minas Gerais.

¹⁴ Complexo de mineração de minério de ferro que pertencia a Samitri. Localizado em Mariana.

¹⁵ Até o momento, não foi possível obter informações sobre Cruz de Pedra.

fundo da grotá. Isso na serra do Conta História que – daqui dá para ver – é uma das serras mais altas que existem.

Keka Simões – Fazendo esse trabalho de prospecção, como vocês descobriam que tinha minério?

Filomeno da Silva – Com um martelo a gente procurava as camadas. Aquilo foi muito bom porque me deu um grande conhecimento. Fazendo aquele tipo de trabalho, eu prestava muita atenção. As formações recolhidas eram colocadas em saquinhos, com mais ou menos a altura e a distância da serra, e enviadas para Alegria. Lá em Alegria, o José Faustino colocava aquelas amostras em um pequeno saquinho de pano com etiqueta, para mandar para o laboratório em João Monlevade. Vinha o resultado, eu prestava muita atenção, tinha vontade de aprender. E, assim, fui tomando muito conhecimento sobre minério, o que foi de muita valia para o meu trabalho na empresa.

Keka Simões – A quem o senhor era subordinado? Tinha um chefe acima do senhor?

Filomeno da Silva – Tinha. De 1951 a 1954, era o José Faustino. Acima do José Faustino, tinha José Bernardo¹⁶. E tinha um engenheiro que costumava vir de Monlevade e ficar a semana inteira no Conta História. Quando ele ia para ficar, já tinha um barracão de tábuá, coberto com zinco. Esse engenheiro era sueco – não sei se ainda existe – e chamava-se James Bush. Todo mundo falava Doutor Buque. Ele não sabia cozinhar. Fazia arroz doce e comia arroz doce na semana toda! [risos] Eu saía mais com ele. Devido àquela vontade de aprender, saía com bússola para medir mergulho de camada. Eu prestava muita atenção e ele foi me ensinando muita coisa.

Keka Simões – O que é mergulho de camada?

Filomeno da Silva – É inclinação. As camadas eram nessa posição e a gente media o seu declive com a bússola. Por esse declive, de acordo com a distância, o engenheiro sueco calculava as toneladas que poderiam existir naquele local. Eu prestava atenção para aprender e depois saber, não é?

Keka Simões – Qual era o número aproximado de pessoas que ficavam no Conta História?

Filomeno da Silva – Nós éramos entre 17 e 21 funcionários.

¹⁶ O entrevistado não mencionou o nome completo.

Keka Simões – Havia algum regulamento ou norma que os senhores tinham que seguir?

Filomeno da Silva – Tinha. Como responsável pela turma, o encarregado Filomeno [riso], eu recebi a ordem que era: se o indivíduo chegar dois minutos após a hora, ele tem que esperar a outra hora. A gente pegava serviço às seis horas da manhã. Se chegasse seis e dois, teria que esperar sete horas; se chegasse sete e dois, teria que esperar oito horas. Devido ao meu sofrimento, eu tinha um jeito um pouco diferente das outras pessoas e quebrava a cabeça com meu superior: o indivíduo não poderia perder aquela hora, ele poderia largar dois minutos depois se ele chegasse dois minutos atrasado, ele poderia compensar esses dois minutos no término do trabalho. E ele falava: “Isso é com você. Você é que tem que dar conta disso depois”. Eu tinha um caderno e anotava tudo aquilo: se o indivíduo chegava atrasado dois minutos, eu anotava aqueles dois minutos e, à tarde, ele trabalhava um pouquinho mais. Aquilo rigorosamente era dessa maneira, não é? Eles eram muito rígidos com o trabalho da gente na época. Tinha, religiosamente, que seguir aquilo que eles mandavam a gente seguir e eu passava aquilo para o pessoal. Tanto que eu – como encarregado, ainda muito criança – morava junto com os indivíduos, mas nunca tive problema nenhum com eles, justamente porque eu procurava fazer a coisa corretamente, não é?

Keka Simões – Nessa época, os senhores tinham algum tipo de uniforme?

Filomeno da Silva – Não. Nós não tínhamos nem calçados. A gente usava, falava-se, alpargata roda. [riso] Não sei se você se lembra disso. Na época usava muito.

Keka Simões – Havia algum tipo de proteção? Tinha luva, capacete?

Filomeno da Silva – Também não. [riso] Nada disso. Depois de 1959 é que começou a chegar material de proteção para os funcionários. Mas o tipo de trabalho que a gente fazia era muito árduo! A lavra era toda manual. No dia em que o operário chegava à empresa, recebia uma marreta, uma picareta e uma pá ou um garfo, porque era tudo manual, inclusive o carregamento de caminhão. Eu colocava cinco homens para carregar um caminhão e os distribuía a uma distância um do outro, para evitar que um acidentasse o outro. Já tinha uma outra frente de lavra onde um moço punha muita gente para carregar o caminhão. Um dia, acabou furando o olho lá de um indivíduo com

um garfo. Então, eu punha sempre só cinco pessoas; ele costumava pôr 15, 16 pessoas para encher o caminhão.

Keka Simões – Nós vamos parar um pouquinho por causa do barulho da chuva.

Filomeno da Silva – Ah, tá! [riso]

[INTERRUPÇÃO DA GRAVAÇÃO]¹⁷

Keka Simões – Eu queria que o senhor contasse o que aconteceu quando o senhor chegou à Mina de Alegria, em 1951.

Filomeno da Silva – No dia 18 de março, eu cheguei à Mina de Alegria e estava chovendo, uma chuva mais branda. Naquela época chovia muito e ficavam dias chovendo. Eu ainda não tinha trabalhado porque já cheguei lá com chuva. Nisso, a chuva foi aumentando. No dia 19, dia de São José – eles falavam a “enchente das goiabas” –, o rio foi subindo, foi subindo, a água encheu o campo em frente à fazenda e começou a vir por baixo dela. Nós, que morávamos nos baixos da fazenda – antigamente o pessoal falava senzala –, tivemos que sair e vir para o lado da lagoa. O rio foi enchendo e levando os galhos da carvoaria, que bateram na ponte. Ela era de cabo de aço, forrada com pranchões, e aquilo começou a balançar. Os cabos arrebentaram e nós ficamos presos. Quando a chuva diminuiu, o nível do rio foi abaixando, mas a gente já ficou com medo. Voltamos para o alojamento, mas todo mundo com medo da chuva aumentar e do rio subir novamente. Onde hoje é a oficina mecânica ficou inundado com a chuva que deu. Então, eu fico pensando: se os tempos voltassem, se chovesse pelo menos dois terços do que chovia naquela época, ia fazer muito estrago, lá mesmo em Alegria. Depois disso só houve duas enchentes muito fortes lá: uma, em 1953; outra, em 1954. Mas essas enchentes não foram como a que houve em 1951.

Keka Simões – E como foi a história do mantimento?

Filomeno da Silva – O pessoal que tinha armazém para os carvoeiros fornecia alimentação para o pessoal que, na Belgo, fazia prospecção. Eles sabiam que a gente estava lá sem alimentação. Então, puseram o mantimento naqueles saquinhos, colocaram pedras e rodaram para poder jogar do outro lado para a gente pegar, porque não poderíamos atravessar com o rio ainda cheio. Quando

¹⁷ A entrevista foi interrompida devido ao barulho ocasionado pela chuva que desabou em Bento Rodrigues.

o nível do rio baixou, dando para a gente passar – com água quase na cintura –, o administrador José Faustino falou para a gente retornar à Alegria quando o tempo melhorasse. Então nós viemos para aqui. Eu não queria voltar, fiquei com medo de dar outra enchente. [riso] Mas igual a essa eu nunca vi! Parecia uma tromba d'água, mas não foi tromba d'água, não. Na época chovia muito mesmo.

Keka Simões – O senhor falou que se usava a picareta, a pá e o garfo. Para que se usava o garfo?

Filomeno da Silva – O garfo era para separar o minério grosso, o minério de dimensões maiores. Acima de uma polegada, era pego com o garfo; abaixo de uma polegada, de três quartos para baixo, pegava-se com pá. Para carregar caminhão e mesmo para limpar o minério... Aquilo saía por classificação: ia o minério fino e o minério grosso. Geralmente, o minério grosso – não sei se é devido à granulometria – era mais rico. Ao separá-lo, a sílica saía. A sílica, talvez você não saiba, é areia; então ela separava e o minério granulado era mais rico, mais puro, a porcentagem de manganês era mais alta. Esse era carregado com garfo, e o mais fino era carregado com pá. É por isso que eles davam essas ferramentas para cada operário que chegava à Alegria e que era fichado.

Keka Simões – O senhor falou que, no início, não tinha nenhum tipo de uniforme. Quando começou a ter uniforme e como ele era? Havia diferença de uniforme entre um tipo de funcionário e outro?

Filomeno da Silva – Na década de 1960 começou a dar capacete. Mas era só capacete; outro tipo de proteção não dava. Dava capacete para evitar que as pessoas que trabalhavam em galeria machucassem a cabeça. A produção de manganês a céu aberto, em Conta História, começou no final de 1959. O pessoal que trabalhava no desmonte – desmonte era a escavação para se chegar até o manganês – trabalhava em um despenhadeiro. Se você for ao Conta História, você vai ter a oportunidade de ver onde é isso. O pessoal trabalhava ali com uma corda amarrada na cintura, para não cair lá embaixo, se escorregasse. Isso era uma preocupação muito grande minha: se um ia lá em cima para mexer na corda, eu via de longe e depois ia ao local verificar se ele tinha mexido em outra corda. Muitas vezes, para espichar ou encurtar a própria corda, ele poderia ter tirado a corda de outro indivíduo e, se o indivíduo

escorregasse, ia lá pelo despenhadeiro. Era muito alto o precipício. Em 1960, a gente fez a estrada de Conta História para Itabirito¹⁸, e tem um ponto onde a rampa é totalmente vertical (você vai lá hoje e vê as marcas de picareta na rampa). Foi tudo feito à mão e o pessoal trabalhava amarrado na corda. Na época já havia muitos funcionários em Alegria – principalmente no Conta História –, e tiraram três encarregados para a construção da estrada. Me mandaram para lá, justamente por causa desse problema de trabalhar amarrado na corda: eles sabiam o cuidado que eu tinha com o pessoal para evitar acidente grave.

Keka Simões – Chegou a acontecer algum acidente com o senhor ou com outra frente de trabalho?

Filomeno da Silva – Houve um acidente de trabalho que me deixou muitos anos com aquele trauma! Quando nós começamos a fazer a prospecção onde hoje é a Mina da Samarco¹⁹, no Germano²⁰, houve um acidente fatal, mas não foi amarrado em corda nem dentro de poço. Eu tinha muito cuidado: se fosse poço, para chegar à frente de trabalho, eu entrava primeiro do que os outros, para verificar as condições de trabalho, se tinha perigo daquilo arriar ou não. Se tivesse perigo, eu mandava tirar madeira para a gente fazer escoramento e evitar desmoronamento. Quando estava trabalhando no Germano, na década de 1970 (1971, 1972), a gente estava retirando amostra em uma galeria perto de onde hoje é o escritório da Samarco. O minério era pulverulento e aí houve um arriamento. Eu estava lá na frente com o pessoal, retirando amostra. Então fechou a boca da galeria e o pessoal queria avançar na hora em que o material estava caindo. Eu não deixei e falei: “Não. Nós ficamos presos aqui, mas não vai sair ninguém. Se você sair, isso vai cair em cima de você. E depois, como vai tirar? E aqui dentro, não. Podemos fazer um desvio ao lado e sair, por trás desse escoramento”. Porque o material foi fechando, tampou toda a saída e nós, que estávamos na frente, ficamos presos. Depois que parou de arriar, aparado com o escoramento, nós fizemos um buraco de mais ou menos 60, 70 centímetros e o pessoal foi passando arrastado. Eu fui o último a sair; enquanto não saiu todo mundo, eu não saí. Mas na época da estrada para Itabirito era

¹⁸ Município de Minas Gerais.

¹⁹ Samarco Mineração S/A, localizada em Mariana.

tudo manual: para carregar caminhão, carregar vagão. Encostavam 40 vagões em Itabirito, à tarde ou à noite, e eles vinham buscar o pessoal em Alegria para carregar esses vagões. Tudo manual. As primeiras máquinas – só duas – eram de empreiteiros.

Keka Simões – O que elas faziam?

Filomeno da Silva – Era um trator e uma carregadeira. Mas a produção de manganês e de minério de ferro era toda por meio de garfo e pá, peneira... Colocava uma peneira em pé – era uma tela de três quartos – e jogava minério ali para peneirar. Não tinha instalação. Hoje é tudo sofisticado. [riso]

Keka Simões – O senhor falou de minério pulverulento. O que é isso?

Filomeno da Silva – Pulverulento é pó. Quando fazia a prospecção em galeria ou mesmo em poço, a gente verificava as camadas. Às vezes, pegava uma grande área que era hematita pulverulenta, não é? O pessoal que não tinha conhecimento falava jacutinga, mas é hematita pulverulenta. É um minério que dá acima de 66% de ferro. Na época, o pessoal só escolhia o filé. Não é como hoje. [riso]

Keka Simões – O senhor mencionou algumas minas exploradas, primeiro pela Belgo, depois pela Samitri e Samarco: a Alegria, o Conta História... Nesses anos todos de trabalho, quais outras minas começaram a ser lavradas aqui na região? O senhor lembra mais ou menos quantas e o nome delas?

Filomeno da Silva – Começou próximo ao Morro da Água Quente²¹. O Diogo Bethônico²² lavrou minério de ferro aqui no Morro de São Luís²³, por sinal. Durante oito meses, eu trabalhei na prospecção de bauxita também, no Fazendão²⁴, em 1958, e na prospecção de minério de ferro no Morro de São Luís. Depois que eu voltei para o Conta História em 1959, a Samitri lavrava bauxita no Fazendão, que foi explorada por mim. Essa bauxita ia para João Monlevade, e uma empresa que tem aqui [inaudível] eles compravam a bauxita e era explorada lá. Já existia a mina aqui, em Antônio Pereira, da Eletroquímica (era tudo também manual), que mais tarde foi encampada pela Vale no

²⁰ Unidade da Samarco relacionada à extração e processamento de minério de ferro. Localizada no complexo de Alegria.

²¹ Povoado próximo a Catas Altas, município de Minas Gerais.

²² Empresário das áreas de construção civil e exploração mineral.

²³ Até o momento, não foi possível obter sua localização geográfica.

²⁴ Complexo de mineração que hoje pertence à Companhia Vale do Rio Doce. Localizado entre Mariana e Catas Altas.

Timbopeba²⁵. Isso foi depois da Samitri que lavrava bauxita no Fazendão. Houve também uma lavra de minério próxima a Mariana. Não sei se você conhece, indo para Camargos lavrava-se minério de ferro ali. Houve também a bauxita lavrada aqui no Morro do Fraga²⁶, por intermédio da ALCAN²⁷. Todo o transporte passava por aqui, dentro da rua. Era uma média de 40, 50 caminhões/dia. Davam três viagens do Morro do Fraga para Saramenha, o que acabou com as casas da rua principal e levou à criação dessa vila aqui atrás.

Keka Simões – Por que acabou? Não havia estrada?

Filomeno da Silva – Não. Eram muitos caminhões que passavam correndo. As casas eram de pau-a-pique, então balançava tudo. Tinha um sobrado lá na frente que não agüentou, começou a cair. Então o pessoal começou a mudar, várias pessoas saíram daqui para outras cidades por aí, outros lugarejos por aí, porque casa não parava em pé. E o pior é que na época os impostos saíam daqui do Morro do Fraga e iam todos para Ouro Preto. O prefeito de Mariana, mais tarde, é que foi brigar por causa desses impostos. Mas acabou com o lugar. Até hoje tem gente querendo comprar lotes e os donos não vendem; acho que fica aquele amor pelas casas que havia anteriormente, não é? Então são essas mineradoras que existiram aqui. Agora, na década de 1930, o pessoal que não trabalhava no garimpo trabalhava com um moço que era inspetor da Escola de Minas²⁸, Carlos Pinto. Ele tinha adquirido o direito de lavar ouro aqui no Ouro Fino²⁹. Têm várias minas aí e tinha engenho também... O ouro que sobrava de lá era o que os garimpeiros ficavam pegando aqui embaixo. [riso]

Keka Simões – Para que serve o ferro manganês?

Filomeno da Silva – O ferro manganês serve para dar liga no aço especial. A Samitri, na década de 1980, abriu uma frente de minério em Miguel Congo³⁰, próximo a Antônio Pereira, que era da ALCAN. Eu fui lá para trabalhar, para produzir minério de ferro manganês. Aí já era tudo mecanizado: a instalação, carregamento de vagão...

²⁵ Mina de Timbopeba, explorada pela Companhia Vale do Rio Doce. Localizada em Ouro Preto.

²⁶ Jazida de bauxita localizada no Quadrilátero Ferrífero, em Minas Gerais.

²⁷ A ALCAN era uma fábrica de alumínio localizada em Ouro Preto. Atualmente, chama-se Novelis do Brasil Ltda.

²⁸ Escola de Minas da Universidade Federal de Ouro Preto, que oferece cursos de graduação na área de Engenharia.

²⁹ Município de Minas Gerais.

Keka Simões – O que é um estéril?

Filomeno da Silva – Estéril é rejeito, é o dacheamento para você chegar até o minério. Esse estéril é vegetação, o solo propriamente dito, a terra, todo o material impuro que tem e que é jogado à parte, para deixar o minério totalmente limpo. É um material que vai causar impureza e transtorno ao minério, vai baixar seu teor. O minério não vai ser puro para poder ser comercializado.

Keka Simões – O que era feito com o rejeito? Tinha algum lugar onde era colocado?

Filomeno da Silva – Tinha, tinha. O rejeito era colocado à parte. Mesmo no Conta História e em Alegria, o rejeito era colocado em um local apropriado, era feita a drenagem e a gente plantava vegetação para evitar um deslizamento. No início do trabalho da Samarco, houve um assoreamento aqui. Uma criança da vila – a gente morava lá em Alegria – estavam buscando lenha e uma delas chegou a ser soterrada e por lá ficou até hoje.

Keka Simões – Esse trabalho de plantação é para tentar evitar...

Filomeno da Silva – Evitar essas coisas. Isso eu já fazia no Conta História. Mas, quando começaram a lavra da Samarco, no Germano, não faziam esse tipo de trabalho. Eles iam jogando o estéril – que é filito, terra, canga, laterita, bauxita se tivesse, tudo misturado – em cima da vegetação. E jogando em cima da vegetação, ela dá aquele óleo; de acordo com o peso que vai chegando ali em cima, aquilo dá um deslizamento e costuma ir distância longe! Não sei se você se lembra, mas, para cá de Belo Horizonte³¹, vários assoreamentos já houve ali.

Keka Simões – No processo de extração de minério, seja em galeria, poço ou em mina a céu aberto, que tipo de acidente pode acontecer?

Filomeno da Silva – Em galeria pode acontecer acidente se o material for frágil – abrir uma galeria com uma extensão aí de dois metros sem ela ser abaulada e sem escoramento O material friável não resiste a muito peso em cima. Aqui na região existem muitas fendas que costumam coincidir uma com a outra e aquilo solta de uma vez e não tem como evitar fechar a saída do pessoal. No Conta História, eu costumava ir por volta de uma, duas horas da

³⁰ Complexo de mineração de manganês ferruginoso que pertencia a Samitri, em Minas Gerais.

³¹ Capital de Minas Gerais.

manhã, quando a gente esteve produzindo um material manganês subterrâneo. Eu ficava com medo de acontecer isso e uma vez quase aconteceu. Eu tirei o pessoal e falei: “Vocês vão ficar do lado de fora até completar a hora. Eu vou voltar para casa, dormir, e venho amanhã para ver o que posso fazer aqui”. Eles falaram: “Não, mas nós podemos trabalhar nessa outra frente”. Eu falei: “Não, não vão trabalhar porque tem muita fenda aqui e pode haver um desmoronamento e fechar. Aí não tem como vocês saírem depois. Vocês vão ter que ficar aí para o resto da vida”. E fui embora para casa. Quando foi no outro dia, uma das frentes da galeria estava fechada, o material tinha arriado e fechou. Mais tarde foi decapeado o manganês a poder de máquina, e as ferramentas foram retiradas. Só achou picareta e uma vagoneta que estava lá na frente, porque pá, enxada, essas coisas, não achou mais. Falei com eles para não tirar a vagoneta, para deixá-la, porque aquilo poderia cair e eu já estava ouvindo a zoeira do material, aqueles estalos que é o quartzito: quando ele está para desmoronar, ele começa a estalar. Eu estava chegando e eles estavam todos na cabeceira. Cheguei, fui depressa, chamei todos e mostrei o que estava acontecendo aqui atrás. Eles falaram: “Vamos tirar as ferramentas”. Eu falei: “Não, deixa as ferramentas lá! Depois, se a Companhia quiser, até manda vocês comprarem, mas vou procurar salvar a vida de vocês”. Eu sempre me preocupei muito com o problema do acidente, porque quem sofre mais com acidente é a própria família do indivíduo. O indivíduo sofreu o acidente, acabou, acabou; e a família fica sofrendo para o resto da vida. Então, eu me preocupava muito com acidente. Quando implantei um sistema de palestra em Miguel Congo... Porque em Alegria, da Samitri propriamente dita, estava dando muito acidente bobo que não tinha cabimento dar. Eu implantei um sistema de palestra nas trocas de turno, duas vezes por semana: reunia o pessoal e mostrava como eles deveriam agir; se um visse o outro trabalhando em posição irregular, deveria ensinar como trabalhar. Surtiu muito efeito. Eu fiquei mais de ano lá sem ter acidente. Quando ia fazer reunião da CIPA³², o pessoal me perguntava e eu falava: “Ah, não! Sei o que eu estou fazendo. Só vocês indo lá participar para ver”. E o rapaz, que era meu chefe, o Saliba³³, um dia me perguntou: “Filomeno, por que não está acontecendo acidente em sua

³² Comissão Interna de Prevenção de Acidentes.

³³ O entrevistado não mencionou o nome completo.

área?” Falei: “É porque eu estou fazendo uma palestra de 15 minutos com o pessoal, duas vezes por semana, mostrando a posição que não se deve trabalhar e como se deve proteger. Inclusive eu sou cobrado por isso”. Ele falou: “Por quê?” “Porque se eu estiver andando na instalação sem o equipamento de proteção, o pessoal para quem dou palestra, os inspetores me cobram, falam: ‘Vem cá. Você está trabalhando irregular. Você instrui a gente e está dando mau exemplo’. [riso] Então eles fazem isso comigo, eu dou a eles liberdade para me cobrar se eu estiver errado”. Aí ele falou: “Então tem que implantar isso em Alegria!” Implantou e diminuiu o número de acidentes em Alegria.

[DVD B]

Keka Simões – O senhor falava a respeito de funcionários trabalhando em condições irregulares. O que seria condição irregular na mineração?

Filomeno da Silva – Primeiro, você trabalhar sem o equipamento. Segundo, se você trabalha em uma instalação e a correia está em movimento, você não pode ir ali tirar qualquer coisa que esteja agarrada, estragando a correia. Se você retirar aquele objeto, você pode perder um membro, no caso, a mão ou o braço. Isso aconteceu em Alegria em uma das Ibês³⁴. As pessoas têm que ter muita atenção para evitar esse tipo de acidente. Na época o pessoal não era tão instruído, como é hoje, para trabalhar nas Ibês. O silo tem uma grade e o pessoal subia ali para poder retirar os blocos de minério, que eram muito grandes e não passavam na grade. Às vezes, para não atrasar, para quebrar com marreta, eles rolavam aquilo para fora. As pessoas tinham sempre que se precaver: colocar uma tábua em cima daquela grade para poder pisar, para poder rolar aquele bloco. Se não colocasse aquela tábua, a botina dele poderia escorregar e ele quebrar até a perna, escalavrar a perna. Houve muito acidente desse tipo lá, porque o pessoal não se preocupava muito com isso e porque, às vezes, o encarregado queria produção e apertava o pessoal para trabalhar. Isto eu mostrava para o pessoal que trabalhava comigo: tinha que se precaver para não acontecer o acidente; se acontecesse, aí já não tinha mais conserto.

Keka Simões – O senhor nos contou que, no início, o transporte de minério era feito nos caminhões. E depois, como ele passou a ser feito?

³⁴ Jargão usado na mineração para indicar Instalação de Beneficiamento.

Filomeno da Silva – Na década de 1960, o minério era transportado por caminhão para Itabirito e para Santa Bárbara. Porque ia para Suécia... A Samitri estava vendendo minério para a França, mas a Rede Ferroviária³⁵ não dava conta de transportar todo o minério contratado pela Samitri. Então o caminhão ia, diretamente, de Conta História para o Rio³⁶, em duas viagens e meia por semana. E alguns empreiteiros pegavam o minério no Conta História e levavam até Itabirito; outros iam para Santa Bárbara. Em Santa Bárbara³⁷ tinha o baldeio: o minério era carregado nos vagões, por meio de garfo e de pá, e ia até Belo Horizonte³⁸. Em Belo Horizonte, aquele minério era jogado no chão e carregado novamente nos vagões, na linha de bitola larga, que suporta maior quantidade de tonelada. Em Itabirito³⁹, era transportado também pela Rede Ferroviária, com o carregamento dos vagões sendo feito manualmente, sem máquina. Houve máquina depois de 1966, após a greve – o restante do minério foi carregado à máquina. Mas até 1963, era tudo manual. A gente fez um pé-de-estribo⁴⁰ em Lafaiete⁴¹: os caminhões que transportavam minério do Morro da Mina (em Lafaiete) para Saramenha pegavam, na volta, minério da Samitri no depósito em Itabirito para levar até Lafaiete. Em 1961, depois que a gente já tinha ligado a estrada, fui para Lafaiete fazer o carregamento manual de Lafaiete para o Rio. Então, o minério saía do Conta História e ia para Itabirito; aí era jogado no chão, carregado em caminhão e levado para Lafaiete. Tinha um rapaz lá que tinha uma pequena empresa de transporte. Ele pegou esse transporte de Lafaiete para o Rio. Eu ficava em Lafaiete para poder retirar as guias de Lafaiete para o Rio. Até que houve um acidente comigo às três, quatro horas da manhã: um bloco de manganês me bateu na vista. Mesmo assim, ainda trabalhei até que viesse o rapaz de Alegria para me substituir. Fiquei afastado quatro meses e 18 dias. Não perdi a vista por sorte.

Keka Simões – E quando passou a...

³⁵ Rede Ferroviária Federal S/A.

³⁶ Rio de Janeiro, capital do estado de mesmo nome.

³⁷ Por Santa Bárbara passava um trecho do Ramal de Nova Era, pertencente à antiga Estrada de Ferro Central do Brasil. O município possuía uma estação ferroviária.

³⁸ Por Belo Horizonte passava um trecho da Linha do Paraopeba, pertencente à antiga Estrada de Ferro Central do Brasil. O município possuía uma estação ferroviária.

³⁹ Por Itabirito passava um trecho da Linha do Centro, pertencente à antiga Estrada de Ferro Central do Brasil. O município possuía uma estação ferroviária.

⁴⁰ Construção que serve de parada ou ponto para embarque e desembarque de passageiros e de mercadorias.

⁴¹ Conselheiro Lafaiete, município de Minas Gerais, por onde passava um trecho da Variante do Carandaí, pertencente à antiga Estrada de Ferro Central do Brasil. Possuía uma estação ferroviária.

Filomeno da Silva – Ser mecanizado?

Keka Simões –... passou a ser mecanizado? Quando o senhor se aposentou, como era esse transporte?

Filomeno da Silva – Ah, quando me aposentei já era tudo diferente! O carregamento manual foi até em torno de 1967, 68. Em 1961, 1962, 1963, em Alegria, a Samitri tinha uma média/dia de 1240 homens horistas, fora os afastados por enfermidade ou acidente. No mês de agosto de 1963, houve um movimento sindical em Minas⁴². Muitas mineradoras fecharam e a Samitri quase faliu. Foi preciso dispensar o pessoal todo: de 1200 homens/dia que trabalhavam em Alegria, o número foi reduzido a 42, não horistas, incluindo o pessoal que trabalhava em escritório (dois) e os que trabalhavam no almoxarifado (dois). O resto foi todo dispensado.

Keka Simões – Como foi esse movimento grevista?

Filomeno da Silva – É por conta de salário.

Keka Simões – Foi geral?

Filomeno da Silva – Foi, foi geral. O pessoal fazia greve, cismava de ter aumento, falava: “Ah! A Companhia vai ter que dar aumento”. A Federação, em Belo Horizonte, às vezes falava com o sindicato: “Oh! Vocês não podem fazer a greve. Têm que procurar negociar com a empresa”. Aí eles falavam: “Não, mas nós queremos aumento”. Eles tinham um aumento no início do mês e quando era depois do dia 20: “Ah! Esse aumento não está bom. Queremos mais aumento”. As mineradoras não estavam agüentando e muitas fecharam. Alegria ficou praticamente fechada; suas mais de 300 casas ficaram, quase todas, vazias. As mineradoras que existiam entre Belo Horizonte e Lafaiete fecharam quase todas justamente por isso, porque ninguém estava agüentando. Ficaram umas poucas só das usinas, como era a da Usina Esperança⁴³ – ficou uma pequena produção de material porque só fornecia mesmo para a Usina e lá não tinha o sindicato. Mas onde havia sindicato, praticamente as mineradoras todas fecharam. A Samitri começou a reativar de 1965 para 1966, mas vendia pouca coisa que ia para Luxemburgo: era uma média de cinco a 10 mil toneladas. Isso era completado com outras mineradoras que já tinham minério depositado no cais.

⁴² Minas Gerais.

⁴³ Antiga siderurgia localizada em Itabirito.

Keka Simões – O senhor enfrentou problemas ou dificuldades no exercício profissional?

Filomeno da Silva – Eu nunca tive muita dificuldade por procurar sempre aprender as coisas que estava fazendo. No ramo que exercia, sempre procurava fazer aquilo corretamente. Eu entrei lá com baixa escolaridade. Todos os engenheiros e técnicos que entraram na Samitri depois de 1963, quase todos passaram nas minhas mãos, fazendo estágio comigo, devido ao conhecimento que tinha sobre a matéria. Eles saíam do banco das universidades, mas não tinham a prática. Iam fazer estágio comigo, eu mostrava tudo na mina: o que era o minério e como eles deveriam trabalhar. Eu agradeço muito também a alguns engenheiros anteriores que estiveram lá, com quem eu trabalhei e aprendi as coisas que eu não sabia, não é? Medir camadas, procurar marcos... No Batatal⁴⁴, na década de 1970 (1978, 1979), a gente descobriu uma pequena jazida de bauxita muito rica, que ficava mais ou menos a dois mil metros de altitude. Eu fiz essa prospecção lá, devido ao conhecimento que a gente tinha do minério. Sempre eu procurava retirar as amostras e ir ao laboratório para ver o resultado – eu visualizava bem a coloração do minério, das partículas, para ver a química, como e quanto que dava. Fui acostumando, acostumando, tanto que, quando chegava ao laboratório com amostras, eu falava com os rapazes: “Esse minério vai dar tantos por cento”. Eles falavam: “Ah, não vai!” Eu falava: “Vai! Depois vocês me falam”. Quando a Samitri vendia manganês, fazia um contrato de 62 ou 63% de manganês. O rapaz, que era meu chefe, passava às vezes seis, oito meses sem ir à mina onde eu trabalhava. Só me mandava uma comunicação dizendo que precisava de um minério assim, assim, para tal empresa, com tantos por cento de manganês. Então eu já fazia a blendagem⁴⁵ na mina, devido ao conhecimento que tinha. Mas eu peguei esse conhecimento assim: visualizando a cor e o tipo – se era friável ou compacto – para saber a porcentagem de manganês que iria dar.

Keka Simões – E alegrias ou recompensas que o senhor teve na sua vida profissional?

⁴⁴ Serra do Batatal, próxima ao Santuário do Caraça, no Quadrilátero Ferrífero, Minas Gerais.

⁴⁵ Etapa do processo de tratamento de minério em que ocorre a incorporação das características de diversos tipos de minério, a fim de adquirir características específicas.

Filomeno da Silva – Recompensa, eu tive uma grande, inesperada: em 1971, fui operário-padrão. A filha do Doutor Oswaldo⁴⁶ foi Miss Brasil eu fui operário-padrão. Quando cheguei ao SESI⁴⁷, em Belo Horizonte, o pessoal falou: “Mariana este ano está com tudo! Está vindo um operário-padrão de Mariana e já veio a Miss Brasil!” Isso foi uma grande recompensa, uma surpresa muito boa! E frustração que tive foi quando me aposentei. Não é culpa da Companhia... Além do que eu pagava sobre o salário, ela ainda pagava sobre mais dois salários para me aposentar com um salário melhor. Quando me aposentei, fizeram uns cálculos no INSS⁴⁸ em Mariana, e eu passei a receber um terço do que ganhava na empresa. Aquilo foi uma frustração muito grande! Foi preciso levar à Justiça e, mesmo assim, passei a receber, na época – agora não, porque já caiu mais –, dois terços do salário que eu ganhava na empresa.

Keka Simões – Tem alguma outra coisa, que eu não perguntei ou que não foi abordada na entrevista, que o senhor gostaria de acrescentar?

Filomeno da Silva – Uma das coisas de que gostei muito foi a amizade que deixei em todas as pessoas que trabalharam comigo em Alegria. Inclusive, quando me aposentei, ainda queriam que ficasse mais e fiquei mais três meses para... Dois engenheiros faziam estágio comigo – eram recém-formados e muito inteligentes, mas não tinham a prática. Então eu acabei ficando mais três meses para poder ajudá-los. No final dos três meses, queriam que eu ficasse mais. Falei: “Não. Agora chega. São 42 anos e 10 meses trabalhando aqui. Agora chega. Agora eu vou descansar”. O rapaz, que estava no lugar do gerente, me pediu para ficar pelo menos mais uma semana, só que meus vencimentos já estavam depositados no banco, e por esses sete dias que trabalhei eu não recebi. [riso] Isso foi também uma das frustrações que tive nessa vida. Quer dizer, não foi responsabilidade desse rapaz que estava gerenciando a empresa; ele era recém-chegado lá e estava cobrindo as férias do que era gerente. Tanto que o que era gerente é muito meu amigo e se eu passo perto da casa dele... Se eu não o vejo, não paro para conversar – ele me conhece até pelo jeito de andar –, ele vai lá em casa em Mariana para a gente conversar. Até hoje ele não sabe dessa coisa que aconteceu, não é? Porque

⁴⁶ Oswaldo Guimarães, médico que residia em Passagem de Mariana, distrito de Mariana.

⁴⁷ Serviço Social da Indústria.

⁴⁸ Instituto Nacional de Seguridade Social.

eu falei: “Ele também vai ficar aborrecido com isso!” Toda vida essas pessoas, tanto meus superiores quanto meus comandados, sempre foram muito meus amigos dentro da empresa.

Keka Simões – Eder, você tem alguma coisa para perguntar?⁴⁹ Senhor Filomeno, muito obrigada. Nós, do Projeto⁵⁰, agradecemos ao senhor as informações. No futuro, a gente volta a procurá-lo, porque o senhor tem muita história ainda para nos contar.

Filomeno da Silva – Ok. Estou sempre às ordens para informar a vocês o que estiver ao meu alcance. Espero que Deus me dê boa memória para que não esqueça as coisas que aconteceram comigo na empresa. Inclusive, em 1972, quando levei a família para Alegria, comecei a escrever minha história e coisas que aconteceram na Samitri e na Belgo. A patroa, um dia à tarde, depois que eu cheguei do serviço e quando estava lá sentado na mesa escrevendo, olhou e falou: “Por favor, pára com isto. Não escreve isso porque, quando alguém for ler essa história sua e da empresa, ninguém vai acreditar que acontecia isso na empresa e essas coisas que aconteceram com você. Então, pára de escrever isso. Por outro lado, além de não acreditarem, você ainda vai ter aborrecimento porque todo mundo que ler, quando encontrar com você, vai falar: ‘Isso aconteceu com você lá? Mas de veras? Você levou uma vida dessa?’” Eu falei: “É. De fato você está certa. Eu vou parar”. Eu trabalhei 19 anos em Alegria saindo de Bento Rodrigues, na segunda-feira, à uma, duas horas da manhã para pegar serviço em Alegria às cinco, seis horas da manhã. Quando eu trabalhava no Conta História, teve uma época em que trocava turno. Havia dois turnos e eu comandava os dois turnos: pegava serviço às cinco horas da manhã e largava às oito da noite. Então, ela falou: “Ninguém vai acreditar nisso. Só essa distância que tem daqui ao Conta História... São mais de 20 quilômetros! Ninguém vai acreditar nisso”. Eu falei: “Como não vão acreditar? Se eu falar daqui a cinco, oito anos, que saía do Conta História para ir te namorar em Ouro Preto, eles não vão acreditar?” [riso] Saía a pé!

Keka Simões – O senhor saía a pé?

Filomeno da Silva – Saía! O único meio de condução era a pé. Não tinha nem estrada. [riso] Quando estava em Itabirito, eu saía daqui à meia-noite para

⁴⁹ O monitor indica com um gesto que não tem perguntas.

⁵⁰ Projeto Trem da Vale.

pegar ônibus em Mariana, que vinha de Ponte Nova⁵¹ para Belo Horizonte, às quatro horas da manhã. Ia a pé também. Era o meio de condução que tinha.

Keka Simões – Mas namorava o dia todo?

Filomeno da Silva – Não. Aí eu já era casado. Foi quando eu estava em Itabirito, não é? Mas, quando era para namorar em Ouro Preto, eu ia, namorava o dia todo; às vezes só umas horas, porque a patroa era empregada na casa do presidente ou gerente da ALCAN, Doutor Machado⁵². Ela foi quase criada lá. Então, ela tinha o trabalho dela, a missão para cumprir durante o dia, e eu só namorava um pouco à noite. [riso] E de noite, aos domingos, depois que eu me despedia dela, eu saía e vinha a pé para trabalhar no Conta História. Mas nunca cheguei atrasado! No ano em que eu me casei, 1963, estava com seis férias vencidas. Eu tinha seis perdas... Eu estava muito esgotado e briguei com o gerente, Carlito Amaral Caldeira: eu não agüentava mais, eu ia parar, para ele me dar as contas. Aí ele me deu seis dias para descansar. Eu estava tão esgotado que falei: “Não precisa me pagar os dias, não! Eu vou ficar em casa e não precisa me pagar os dias, não”. Ele falou: “Não. Eu vou te pagar os dias.” “Não. Não quero o dia, não. Vou ficar em casa”. Eu fiquei seis dias em casa. Foi em uma dessas férias que me casei. Eu tinha seis perdas por isso. Ele acabou não me pagando. Depois que voltei e estava calmo, precisava ver quando ele se encontrava comigo, como que brincava comigo: “Você é cabeça dura, hein? Nem os dias que eu quis dar para você, você quis receber!” [riso] Mas é... Eu saía, namorava uma menina lá nas Cabeças⁵³, a gente marcava encontro dia de sábado para ir ao cinema. O cinema era na Rua São José. Às seis e meia, eu largava serviço e ia correndo. Eu nunca cheguei atrasado! [riso] Sempre correto com horário. [riso]

Keka Simões – Obrigada, Senhor Filomeno. A gente volta outro dia, com mais tempo, para pegar outras histórias.

Senhor Filomeno – Ok.

[Término da entrevista]

⁵¹ Município de Minas Gerais.

⁵² O entrevistado não mencionou o nome completo.

⁵³ Bairro de Ouro Preto.